

“Profissionalização” da várzea?: Controvérsias e dinâmicas do rodar no futebol popular paulistano

"Professionalisation" of várzea football?: Controversies and dynamics of rotation in popular football in São Paulo (SP)

Enrico Spaggiari

Doutor em Antropologia Social

Universidade de São Paulo / Departamento de Antropologia

enricospaggiari@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0002-7078-3827> 

Informações completas sobre autoria estão no final do artigo 

Resumo: Nos últimos anos, a cada início da temporada do futebol de várzea na cidade de São Paulo, despontam reportagens sobre a participação de ex-jogadores do futebol profissional de homens nas competições varzeanas. A discussão sobre a “profissionalização”, que muitas vezes vem acompanhada de discursos saudosistas sobre o “fim” da várzea “tradicional”, tem sido cada vez mobilizada, dentro e fora do circuito varzeano. Esse debate sobre as categorias amador e profissional se insere em uma lógica dicotômica já tradicional no campo das práticas esportivas. Contudo, para compreender seus diferentes significados, essa polaridade deve ser problematizada e redimensionada, sempre de forma contextual, situacional e relacional. Neste artigo, retomarei e sintetizarei algumas questões trabalhadas com base em etnografia de longa duração realizada entre 2010 e 2014, que, dentre outros recortes, acompanhou a participação de um clube de várzea na Copa Kaiser de Futebol Amador de 2012 e as dinâmicas do rodar varzeano daquele ano. Foi possível concluir que as controvérsias mobilizadas em torno dessa dicotomia são constitutivas do processo de atualização, entre permanências e descontinuidade, do futebol popular paulistano.

Palavras-chave: antropologia; futebol de várzea; etnografia; amadorismo; profissionalismo.

Abstract: Over the last few years, at the start of each season of várzea football in the city of São Paulo, reports have emerged about the participation of former professional men's football players in varzea competitions. The discussion about "professionalisation", which is often accompanied by nostalgic speeches about the "end" of "traditional" várzea, has been increasingly mobilised, both inside and outside the varzeano circuit. This debate about amateur and professional categories is part of a dichotomous logic that is already traditional in the field of sporting practices. However, in order to understand their different meanings, this polarity must be problematised and re-dimensioned, always in a contextual, situational and relational way. In this article, I will revisit and summarise some of the issues raised in a long-term ethnography carried out between 2010 and 2014, which, among other things, followed the participation of a lowland football club in the Kaiser Amateur Football Cup in 2012 and the dynamics of the varzeano rotation that year. It was possible to conclude that the controversies mobilised around this dichotomy are constitutive of the process of updating, between permanence and discontinuity, popular football in São Paulo.

Keywords: anthropology. várzea football. ethnography. amateurism. professionalism.

Introdução

Nos últimos anos, a cada início da temporada do futebol de várzea na cidade de São Paulo, despontam reportagens sobre a participação de ex-jogadores do futebol profissional de homens nas competições varzeanas, que são contratados por agremiações tradicionais, mas também por times recém-criados,¹ para a disputa das principais competições do calendário varzeano da cidade. Dentre elas, cabe destacar a Super Copa Pioneer Netshoes, organizada pelo Pioneer, agremiação da zona sul, que em 2024 contou com a participação de 80 equipes da região metropolitana de São Paulo e premiações que totalizavam R\$ 200 mil – sendo R\$ 150 mil para o campeão da edição.² Esta última edição reuniu diversos ex-jogadores, inclusive com passagens por grandes clubes brasileiros e europeus, bem como pela seleção brasileiros de homens, o que tem despertado maior interesse de patrocinadores e de um público mais amplo.

Ainda que o dinheiro possa ser a mais determinante,³ com a expansão de um mercado futebolístico a ser explorado,⁴ o interesse desses jogadores, que atuaram ou ainda atuam no futebol espetacularizado de homens, em disputar competições varzeanas pode ter vários significados, seja como uma nova fonte de renda e de prolongamento da carreira competitiva no universo esportivo, mas também como forma de diversão, lazer e pelo prazer de jogar, especialmente em um período de transição entre o fim da trajetória profissional e a dedicação a outras atividades de trabalho.

A presença crescente de ex-jogadores profissionais não só tem contribuído para a maior visibilidade do futebol varzeano, como estimulado o debate sobre uma possível

¹ Em 2024, o ex-jogador de futsal Falcão criou o Reinado Futebol Clube, time de futebol de várzea em São Paulo, que contou, já em seu primeiro ano, com jogadores de destaque do circuito varzeano paulistano, além da presença do atacante Nunes, que ainda atuava profissionalmente pelo Gama (DF) durante o mesmo período.

² A edição de 2023 da Copa Pioneer, cuja partida final foi disputada no Allianz Parque, estádio da Sociedade Esportiva Palmeiras, e reuniu 30 mil torcedores, contou com a participação de ex-jogadores como Domingos, Cristian e Jobson, bem como de outros que mantinham, recentemente, vínculos profissionais com clubes pequenos, como Boquita e Rildo.

³ Os valores variam de acordo com o jogador, a competição ou o contexto em que o clube varzeano está inserido, com rendimentos que podem variar de R\$ 500,00 a R\$ 5 mil por partida (inclusive para cobrir despesas com hospedagem, deslocamento e alimentação). Muitos jogadores, tenham sido profissionais ou não, chegam a disputar quatro partidas por final de semana. No total, os dividendos varzeanos superam, por vezes, os oferecidos por clubes profissionais de divisões inferiores do futebol brasileiro. Além disso, é recorrente o destaque dado ao fato de que, na várzea, o pagamento é garantido, feito em dinheiro ou PIX, em muitos casos antes das partidas.

⁴ A presença de ex-jogadores também pode ser observada em outros futebóis (society, futsal, fut7) e em paisagens varzeanas de cidades do interior de São Paulo. Em Sorocaba (SP) - município com cerca de 700 mil habitantes, distante 100 km da capital paulista e com mais 200 clubes registrados como amadores -, o time Enquadro's tem se destacado por reunir ex-jogadores profissionais, como Jailson, Alê, Corrêa, Dinei, Doriva, Wellington Bruno e Eder Lima.

“profissionalização da várzea” ou da consolidação de um universo varzeano “semiprofissional”, que deve ser contextualizado, para além dos jogadores, por outros aspectos: investimentos na estrutura de clubes, nas condições de trabalho e na organização das competições, muitas vezes inspiradas em modelos e elementos do futebol profissional; valores dispendidos para o pagamento de jogadores; comprometimento e responsabilidade dos envolvidos; substituição dos campos de terra batida por campos com grama sintético; maior qualidade e diversidade dos fardamentos, com ampliação do mercado de produtos das agremiações varzeanas.

A discussão sobre amadorismo e profissionalização, que muitas vezes vem acompanhada de discursos saudosistas sobre o “fim” de uma várzea “tradicional”, “verdadeira” ou “mais popular”, tem sido mobilizada, dentro e fora do circuito varzeano, para abordar o atual futebol popular jogado, pensado e vivido em São Paulo, bem como em tantas outras cidades brasileiras.

Esse debate se insere em uma lógica dicotômica já tradicional no campo das práticas esportivas, marcado pelo “monopólio de imposição da definição legítima da prática esportiva e da função legítima da atividade esportiva, amadorismo contra profissionalismo, esporte-prática contra esporte-espetáculo, esporte distintivo – de elite – e esporte popular – de massa” (Bourdieu, 1983, p. 142). A categoria futebol amador, que definiu a modalidade no final do século XIX, é acionada para diferenciar a prática esportiva da categoria futebol profissional - aquele organizado pela FIFA (Fédération Internationale de Football Association).

As relações entre futebol amador e profissional são constitutivas do universo futebolístico varzeano desde a primeira metade do século XX, especialmente entre as décadas de 1910 e 1930, período quando jogadores das camadas populares e jogadores negros passaram a compor, mediante retribuições financeiras e outras gratificações, as equipes que disputavam as ligas oficiais. Tema largamente abordado pela historiografia brasileira (Negreiros, 1992; Pereira, 2000; Franzini, 2003), a cisão⁵ entre profissionalismo e amadorismo envolveu diversos agentes, como clubes de elite, clubes de bairro, ligas esportivas, veículos de imprensa, grupos aristocráticos e classes subalternas, que se

⁵ O processo histórico que levou à gradativa profissionalização do futebol teve diversos fatos desencadeadores, como a disputa pela formação de equipes mais competitivas, e a migração de jogadores brasileiros para outros mercados exportivos. Ainda que o ano de 1933 seja reconhecido como momento decisivo para a regulamentação do profissionalismo, Ribeiro (2017) ressalta que a consolidação dos circuitos amador e profissional deve ser entendida como um processo contínuo, que avançou pelas décadas seguintes, com agremiações transitando entre as esferas amadora e profissional, o que impõe desafios às propostas de periodização da história do futebol brasileiro.

posicionaram, seja em defesa da “tradicional” expressão amadora ou de novos arranjos profissionais tido como “modernos”.

A profissionalização, ao mobilizar um denso contexto de agenciamentos, tensões e controvérsias em meio ao processo de formação do campo esportivo brasileiro, especificamente do que envolve o jogar⁶, provocou grandes impactos nas experiências cotidianas, modos de vida urbanos e organização da prática futebolística na cidade de São Paulo, como revelam as trajetórias de clubes de futebol de várzea que surgiram a partir de organizações associativas relacionadas às dimensões do parentesco, vizinhança ou do trabalho (Fontes, 2014; Silva, 2017).⁷ Assim, no caso brasileiro, o futebol amador (ou varzeano e tantas outras designações), embora apresente diversas interfaces com outros circuitos futebolísticos (Damo, 2018), tem uma historicidade própria em relação à modalidade profissional (Ribeiro, 2017).⁸

Nesse sentido, os termos amadorismo e profissionalismo podem ser empregados com diferentes significados, sempre de forma contextual, situacional e relacional.⁹ Por isso, para Damo (2002), esta polaridade, adotada na produção acadêmica sem as mediações necessárias, deve ser problematizada e redimensionada. A contínua atualização desses significados, entre permanências e descontinuidades, desvela fronteiras e tensionamentos, mas também entrelaçamentos, o que confere ao sistema futebolístico (Rial, 2006) e seus múltiplos futebóis (Damo, 2007)¹⁰ um caráter processual, nunca estabilizado, sempre em transformação. Como lembra Rial (2006, p. 6), a depender do contexto, “todas as performances futebolísticas, mesmo as amadoras, podem se

⁶ Helal (1997) identifica uma estrutura paradoxal, entre o tradicional e o moderno, definido como o dilema do futebol brasileiro: profissionalização dos jogadores na década de 1930 e permanência do amadorismo dos dirigentes. O que, segundo o autor, implicou um “processo incompleto de modernização estrutural da organização do futebol no Brasil” (1997, 118).

⁷ No caso deste último, vale destacar as equipes ligadas às fábricas, compostas por operários que recebiam remunerações ou outros benefícios para se dedicar à prática do futebol (Antunes, 1992).

⁸ Os circuitos varzeanos desvelam uma das atividades de associativismo esportivo e de lazer mais duradouras (desde o final do século XIX) na cidade de São Paulo. A atual configuração do futebol varzeano deve ser compreendida dentro de um processo (esportivo, urbano, cultural e sociopolítico) de transformações e permanências ao longo do século XX e início do século XXI. Sobre a história do futebol de várzea em São Paulo, conferir os trabalhos de Fontes (2014) e Silva (2017), entre outros.

⁹ Tal como revelam pesquisas sobre futebol amador (e suas diferentes nomeações) em outras localidades: seja em Porto Alegre (Myskiw, 2012), no interior gaúcho (Rigo, 2001) em Belo Horizonte (Ribeiro, 2021) ou em Manaus (Chiquetto, 2014).

¹⁰ Damo (2007) aciona quatro matrizes – comunitária, espetacularizada, escolar e bricolada – para caracterizar os futebóis, sendo a primeira aquela que compreende o futebol amador (e aqui varzeano) enquanto uma configuração dotada de organização e complexidade, mas intermediária entre expressões menos padronizadas e certas práticas regidas por um corpo administrativo espetacularizado, como o observado no futebol considerado profissional. O autor, posteriormente, fez uma releitura dessa classificação, enfatizando a ideia de fluxo e conectividade dos múltiplos circuitos futebolísticos (Damo, 2018).

constituir em um espetáculo”. Assim, evita-se aqui tomar a dicotomia amadorismo e profissionalismo como princípio classificatório, para analisar as gradações e modulações dos termos em suas posições relacionais, evitando, assim, reificar reducionismos dos significados.

As controvérsias mobilizadas em torno dessa dualidade no futebol varzeano paulistano já eram observadas em anos anteriores, quando realizei, durante pesquisa para a tese de doutoramento em Antropologia entre 2010 e 2014, uma etnografia de longa duração que teve como objetivo principal compreender as dinâmicas relacionais do processo de constituição de jovens futebolistas no universo varzeano da cidade de São Paulo.

O contexto principal dessa pesquisa foi a paisagem varzeana do futebol de homens da cidade de São Paulo, mais especificamente aquela que envolvia o Grêmio Botafogo, situado em Guaianases, bairro periférico da zona leste paulistana. Contudo, a etnografia não se restringiu a essa localidade, pois o trabalho de campo se espalhou por outras áreas periféricas, regiões centrais da cidade e também fora dela.¹¹

Ao longo de quatro anos, por meio de observação participante,¹² acompanhei várias atividades (cotidianas e rituais), como treinos, partidas, preleções, campeonatos, deslocamentos, peneiras (testes, avaliações) e reuniões, que colocavam em relação um conjunto diversificado de agentes (crianças, jovens, treinadores, jogadores, torcidas, diretores de clubes, pais, mães e outros familiares, políticos locais, empresários de futebol etc.) associados, de alguma forma, ao circuito varzeano (Myskiw, 2012).

Dentro desse cenário alargado, pude acompanhar, de forma regular, as participações do Botafogo de Guaianases na Copa Kaiser de Futebol Amador, principal campeonato de futebol varzeano de São Paulo até 2014 (quando a última edição foi disputada). Já naquele período, era possível observar um contexto assinalado por muitas controvérsias acerca de uma espetacularização do futebol de várzea paulistano, tanto

¹¹ A pesquisa tampouco se limitou ao futebol varzeano, pois se alargou para os domínios, como as categorias de base dos clubes profissionais, centros institucionais e especializados na produção de jogadores. Além disso, as práticas varzeanas se conectavam a múltiplas experiências cotidianas e rituais, o que exigiu acompanhar, sempre em deslocamento, contextos inicialmente não esportivos, como casas, escolas, festividades, comícios políticos etc.

¹² Abordagem que reúne, aqui, uma pluralidade de técnicas e procedimentos que se complementam, diante das diferentes situações e conjunturas, em uma pesquisa de longa duração. Durante o trabalho de campo, a depender da situação, acionei diferentes técnicas e procedimentos: observação direta, coleta de depoimentos informais, entrevistas, filmagens, fotografias, registro de documentos (estatutos, jornais, fotografias, troféus etc.). Em alguns momentos, foi uma observação sem ter um interesse específico, conforme as circunstâncias do campo. Em outros, quando já imerso naquele contexto, foi participação observante: fui motorista, roupeiro, árbitro e representante do Botafogo de Guaianases em congressos técnicos de campeonatos.

pelas transformações nas formas de organização dos campeonatos, quanto no que se refere ao crescente investimento financeiro das agremiações varzeanas, sobretudo para assegurar a participação de jogadores que possuíam diferentes tipos de vínculos com o universo considerado como “profissional”.

Neste artigo, a fim de problematizar dinâmicas e controvérsias do futebol varzeano em São Paulo, retomarei e sintetizarei algumas questões trabalhadas durante a realização da pesquisa, quando acompanhei, tendo como lócus privilegiado o Botafogo de Guaianases, partidas, reuniões, deslocamentos para os jogos, congressos técnicos, negociações e um extenso conjunto de experiências cotidianas relacionadas à Copa Kaiser, especialmente as que envolveram a edição disputada ao longo de 2012.

“Ter Kaiser na camisa não tem preço”

Fundado em abril de 1955, o Grêmio Botafogo é um dos clubes ativos mais antigos do bairro de Guaianases. Diferente de outras agremiações tradicionais da região, o Grêmio Botafogo nunca interrompeu suas atividades. Embora já tenha ficado alguns períodos sem ter um campo de futebol ou uma sede social, conseguiu se manter ativo no cenário varzeano paulistano, principalmente pelas participações assíduas nos principais campeonatos amadores da cidade.

As equipes do Botafogo¹³ disputavam amistosos, torneios locais, campeonatos regionais e festivais. Os amistosos eram agendados ao longo do ano diretamente entre os diretores dos clubes ou por mediação de uma liga de futebol amador.¹⁴ A maioria das

¹³ O Botafogo dividia as equipes em: esporte, segundinho, veteranos, máster e aspirantes. O “esporte” reunia os melhores jogadores, em sua maioria acima de dezoito anos. Um jogador mais novo poderia atuar na várzea, porém não era tão comum ver jovens atuando pelas equipes principais dos clubes varzeanos. O “segundinho” ou “time B” reunia jogadores mais novos e que ainda precisavam ser testados para atuarem no “esporte”, ou então jogadores de qualidade que não conseguiam acompanhar o ritmo do “esporte”. A categoria “veteranos” era dividida entre aqueles de 35 a cinquenta anos; muitas equipes com jogadores acima de cinquenta anos adotavam o termo “masters”. Porém, não se tratava de uma divisão fixa. A categoria “veteranos” era ampla. Em tese, jogadores acima de 35 anos eram considerados veteranos. De toda forma, era possível encontrar veteranos no “esporte”.

¹⁴ Existiam inúmeras ligas de futebol em São Paulo. Os clubes procuravam as ligas pela qualidade futebolística das agremiações que compunham seu quadro, pela região da cidade que abrangiam, por sua tradição e pela seriedade de seus líderes. Algumas ligas estavam personificadas na figura de diretores de clubes e lideranças futebolísticas locais, cujas renomadas trajetórias dentro do cenário varzeano garantiam a participação e confiança de clubes. Certas ligas se dedicavam à realização de competições municipais mais amplas e centralizadoras; outras, com dinâmicas mais circunscritas, eram voltadas à organização de torneios regionais, disputados por clubes de bairros vizinhos. As ligas lucravam com as taxas de inscrição dos clubes nas competições e com as mensalidades pagas por alguns clubes afiliados a elas. Exemplos de ligas varzeanas: Abreliga (Associação Brasileira de Ligas Esportivas Amadoras); C.U.E.B.L.A (Cidade Unida Esporte de Base e Ligas Amadoras); AMFA (Associação Metropolitana de Futebol Amador); e Liga do Cocada (vinculada ao Ajax da Vila Rica). Em

competições eram locais, disputada contra clubes do bairro, ou regionais, quando envolviam agremiações de bairros e cidades próximas. Se algumas competições eram muito procuradas, sendo necessário ser convidado para participar, em outras bastava pagar a taxa de inscrição. Clubes da zona leste, por exemplos, participavam de competições organizadas por ligas de futebol em outras regiões. Ainda que dificultasse o deslocamento, a distância não impedia um clube de procurar um bom campeonato ou mesmo um bom amistoso. Afinal, circular pela cidade constitui a várzea.

Existia um dilatado e envolvente circuito varzeano, composto de diversos formatos de competição. Contudo, a Copa Kaiser de Futebol Amador era, sem dúvida, naquele período, o principal evento do calendário varzeano e grande parte das receitas do Botafogo era destinada à composição e manutenção do “esporte”,¹⁵ ou seja, o time que disputava a competição. Considerada pelos varzeanos o maior evento de futebol de várzea de São Paulo, a Copa Kaiser de Futebol Amador era realizada anualmente pela Evidência Promotions, comandada pelo jornalista Flávio Adauto, e reunia, até sua última edição em 2014, aproximadamente 8.500 jogadores inscritos em 384 equipes, divididas em séries A e B, com acesso, descenso e torneios classificatórios.

De forma intermitente, a Copa Kaiser deu continuidade a uma série de competições a nível municipal realizadas desde a criação da Divisão Varzeana, campeonato organizado pela Federação Paulista de Futebol na década de 1940 e que foi disputado até o final da década de 1960. Outros campeonatos de alcance municipal voltados ao futebol de várzea foram organizados nas décadas seguintes, como o Campeonato Varzeano da SEME (Secretaria Municipal de Esporte), disputado na década de 1970; e, posteriormente, a Copa da Cidade, também conhecida como Campeonato Varzeano da FPF, torneio organizado pela Federação Paulista de Futebol, entre 1985 e 1992.

A Copa da Cidade era o principal torneio de várzea em São Paulo até o início da década de 1990, quando surgiu a Copa Kaiser de Futebol Amador. Após uma primeira experiência de patrocínio, em conjunto com o jornal A Gazeta Esportiva, de um campeonato varzeano em 1993, a cervejaria organizou um campeonato municipal de várzea em 1995, a primeira Copa Kaiser/SEME de Futebol Amador, em parceria com a

Guaianases, duas se destacavam: Liga Esportiva de Guaianases (também conhecida como Liga do Adelaide) e Acocesp (Associação de Coordenadores de Clubes Esportivos).

¹⁵ O termo “esporte”, utilizado para se referir ao quadro principal dos clubes na várzea, pode ser lido como um cruzamento dos sentidos de competição e de alto rendimento. Embora a competição também esteja presente nas demais categorias, o “esporte” era visto, pelos varzeanos, como domínio daqueles futebolistas amadores que estavam no auge técnico e físico.

Secretaria Municipal de Esportes (SEME). A empresa esteve envolvida com o torneio até 1999, quando a rival Antarctica comprou os direitos de patrocínio do campeonato e renomeou para Copa Antarctica/Copa da Cidade.¹⁶

Contudo, um ano depois, a Kaiser retomou a organização do evento e o antigo nome. Novamente, entre 2004 e 2006, a competição deixou de ser disputada e foram realizadas três edições da Copa Metropolitana. Em 2007, a Copa Kaiser retornou como principal competição municipal do universo varzeano.¹⁷ O crescimento gradativo do torneio despertou o interesse de clubes por vagas na competição, o que fez com que os organizadores do torneio criassem a Série B da Copa Kaiser, cujos primeiros colocados garantiam uma vaga na divisão principal no ano seguinte.

Em 2010, a cervejaria holandesa Heineken comprou a marca Kaiser da mexicana Femsa e decidiu investir na edição de 2012, com a organização de seis etapas regionais – em São Paulo (SP), São José do Rio Preto (SP), Belo Horizonte (MG), Curitiba (PR), Blumenau (SC) e Porto Alegre (RS). Os campeões de cada cidade passaram a disputar o título nacional no final do ano na Copa Kaiser Brasil. Esse investimento também envolveu várias ações de marketing, como a participação de Mano Menezes, então treinador da seleção brasileira, em eventos da Copa Kaiser 2012.⁵

A partir de 2011, a empresa investiu também no apoio à cobertura na mídia, principalmente por meio do portal UOL, com o site Papo de Várzea. Além disso, a Copa Kaiser dispunha de um espaço no jornal Lance!; videotapes das partidas, programas de rádios e mesas redondas eram transmitidos por canais de TV comunitários.¹⁸ Observava-se no universo amador relances de um processo de espetacularização esportiva no qual os meios de comunicação têm um peso decisivo (Betti, 1997).

Em 2012, um dos investimentos foi a produção de um álbum de figurinhas da Copa Kaiser, que trazia figurinhas dos jogadores, equipes, uniformes e escudos dos 32 clubes melhores classificados na Série A da Copa Kaiser de 2011. O álbum, que fez sucesso, era

¹⁶ Outras cervejarias também já organizaram competições de futebol de várzea, como a Taça Brahma, um campeonato metropolitano com a participação de centenas de clubes, porém sem a mesma repercussão e visibilidade da Copa Kaiser.

¹⁷ Principal, porém não única. Naquele período, outras competições também eram valorizadas na agenda varzeana de diferentes regiões de São Paulo: Copa Negritude (Artur Alvim, na Zona Leste), Copa da Paz (Paraisópolis, na Zona Sul), Copa Black Power (Ipiranga, na Zona Sul), Festival Nove de Julho (Zona Norte), dentre outras.

¹⁸ Ao longo da pesquisa acompanhei dois programas de televisão que abordavam o universo varzeano: aos domingos, “Várzea na TV”, do canal comunitário *TV Aberta*; e, aos sábados, no mesmo canal, “A Voz do Futebol Amador”, um programa mais diversificado, com transmissão de jogos, entrevistas, reportagens e debates mediados pelo narrador Ronaldo Lima. Em 2012, junto com o colega e historiador Max Rocha, entrevistei Ronaldo Lima para o site *Ludopédio* (<http://www.ludopedio.com.br/rc/index.php/entrevistas/artigo/1314>).

comercializado nos bares ao redor dos campos de futebol que recebiam partidas da competição e a venda só era realizada para adultos (maiores de 21 anos), mediante a compra de cervejas ou pagamento separado pelos pacotes de figurinhas.

Embora atualizado por diferentes iniciativas, como o álbum de figurinhas, algumas tradições varzeanas persistiam, como os campos de terra batida, que ainda eram maioria frente aos campos de grama sintética. Além desses campos, algumas partidas da competição e os jogos finais eram disputados no Estádio Nicolau Alayon, sede do Nacional A. C., no bairro da Barra Funda (Zona Oeste), com gramado natural e proporções de campo oficial, e que durante os jogos da Copa era designado Arena Kaiser – uma reprodução pontual do processo de arenização cada vez mais recorrente no universo espetacularizado.¹⁹ Em 2012, a final foi disputada no Estádio Municipal Paulo Machado de Carvalho, o Estádio do Pacaembu, próximo à região central da cidade.

Disputar partidas em estádios reservados ao futebol profissional trazia status para as equipes e oferecia momentos marcados pelo encontro de jogadores, dirigentes e torcedores, de diferentes áreas da cidade, em uma região central quase esvaziada de práticas varzeanas.²⁰ Os jogos na Arena Kaiser, por exemplo, ofereciam a chance de dar entrevistas, jogar em um campo com gramado natural e uma maior segurança com a presença de um número significativo de policiais. Além das torcidas, que acompanhavam semanalmente a equipe pelos campos da cidade, notava-se a presença de espectadores que não tinham vínculos com os clubes ali presentes e que se deslocavam aos campos pelo prazer de assistir às partidas e pela confraternização com amigos e conhecidos.

Disputar a Série A da Copa Kaiser era, portanto, uma forma de distinção dentro do cenário varzeano.²¹ “Ter Kaiser na camisa não tem preço”, explicou Gérson, torcedor do Botafogo, o que sintetizava o respeito e autoridade que a estampa da Kaiser projeta no cenário varzeano. “Não é qualquer time da várzea que carrega o logo da Kaiser na camisa.

¹⁹ O evento contava, ainda, com a participação de árbitros e auxiliares do quadro principal do Sindicato dos Árbitros de Futebol do Estado de São Paulo, que apitavam partidas de futebol profissional, principalmente das divisões inferiores do Campeonato Paulista. O futebol varzeano, nesse caso, aparecia como uma forma de aprendizado e treinamento para árbitros e auxiliares. A participação desses árbitros era muito valorizada pelos varzeanos, que apontavam diferenças na qualidade da arbitragem quando nomes tidos como “profissionais” eram escalados.

²⁰ Embora o futebol de várzea reúna praticantes de diversas regiões da cidade, os campos, clubes e competições estão concentrados nas periferias paulistanas (Magnani; Morgado, 1996).

²¹ A Copa Kaiser era um dos diferenciais do Botafogo frente aos demais clubes do bairro, pois foi o único a conquistar a competição. Em 1993, venceu a edição experimental da Copa A Gazeta Esportiva/Copa Kaiser; e foi campeão da 3ª Copa Kaiser de 1997, um dos momentos mais lembrados por diretores e torcedores, de diferentes gerações.

Precisa mostrar que é grande”, afirmou Adonias, diretor do Botafogo.²² Para participar da Copa Kaiser precisa ter “bala na agulha”, relatou Magrão, presidente do Coroa da Cohab José Bonifácio: “Tem que ter dinheiro para investir, para cobrir os gastos, que são altos, e assim montar uma boa equipe; ter uma diretoria organizada, compromissada com o clube, esperta, de procedimento”.²³

Era difícil ouvir críticas em relação à organização da Copa Kaiser, elogiada de forma contínua por clubes participantes e profissionais da imprensa por conta do atendimento, da rapidez no acesso às informações e por fazer cumprir o regulamento.²⁴ Para o narrador Ronaldo Lima, responsável por transmissões da competição no Youtube.

A Copa Kaiser disciplinou o futebol da várzea. Antes tinha muita confusão, muita briga, tinha problemas sérios. Quando o Flávio Adauto pôs a mão e disciplinou, aí se passou a jogar futebol no futebol da várzea. Ainda tem confusões e problemas, mas a comissão disciplinar da Evidência é muito rigorosa. Tanto que o Vida Loka está suspenso três anos porque bateram na arbitragem. Enrico, você viu a confusão lá no campo. O time, ex-campeão da Copa Kaiser, está suspenso por três anos. Se não fizer isso, perde o domínio, pois a rivalidade é grande (Ludopédio, 2013).²⁵

“Aos trancos e barrancos”

A Copa Kaiser tinha seis fases e nas cinco primeiras os clubes eram divididos de acordo com quatro grandes regiões da cidade – leste, oeste, norte e sul. Nas primeiras fases, as equipes de cada região enfrentavam umas às outras, para evitar longos deslocamentos e gastos maiores dos clubes. Assim, a competição se iniciava em etapas

²² No início da década de 2010, a Kaiser decidiu remover a estampa da logomarca da cerveja das camisas das equipes que participavam da competição, que passaram a trajar uniformes com novas inscrições: “Se beber não dirija” ou “Beba com moderação”.

²³ A burocracia dos grandes campeonatos, como a Copa Kaiser, afastava outros clubes menos organizados. A competição exigia inúmeros documentos para a inscrição dos jogadores: cópias de RG, fotos 3x4, atestado médico, taxas. Além disso, os clubes precisavam ter CNPJ e registro em cartório, ser filiados à Federação Paulista de Futebol (FPF) como agremiações amadoras. Incapazes ou indispostos a atender, muitos clubes não disputavam a Copa Kaiser e participavam de outras competições regionais, torneios de bairro, festivais ou somente amistosos.

²⁴ A Evidência Promotions, empresa que organizava a competição, realizava reuniões com diretores e treinadores dos clubes antes de começar o campeonato para apresentar o regulamento, endereços dos campos, grupos, tabela da competição e demais aspectos técnicos do torneio. O regulamento era apresentado de forma minuciosa para evitar transtornos futuros aos organizadores, que procuravam sempre aplicar punições às infrações e assim manter a competição sob controle. Os resultados, punições, próximos jogos e outras informações eram publicados semanalmente no site da competição e no portal UOL, mantendo assim os clubes e torcedores atualizados.

²⁵ Entrevista realizada durante o trabalho de campo e publicada no portal Ludopédio.

regionais e, conforme avançava, reunia os melhores de cada região, e somente na última fase da competição havia o confronto entre equipes de diferentes áreas da cidade. Era, portanto, uma competição longa e árdua, que exigia uma grande capacidade de organização e um volume significativo de investimentos.

Como bem definiu Luiz Cláudio, então vice-presidente do Grêmio Botafogo, a trajetória do clube na Copa Kaiser em 2012 foi “aos trancos e barrancos”. A competição teve início em março, com os clubes disputando partidas a cada duas semanas. Desde o início a diretoria não alimentava muitas expectativas em relação à equipe daquele ano. Segundo Adílson, treinador da equipe, era um time bom, porém modesto, sem grandes estrelas.²⁶ Nas três primeiras etapas, quando quatro clubes eram divididos em grupo por região da cidade, o desempenho do Botafogo foi muito parecido: por três vezes, empatou as duas primeiras partidas e se classificou com uma vitória no último jogo de cada grupo.

Na quarta etapa, em um grupo formado apenas por clubes da zona leste – E.C. Noroeste, Associação Central Leste e EC Verona –, o Botafogo empatou novamente na primeira rodada por 0x0 contra o Central Leste. O próximo jogo foi contra o E. C. Noroeste (Vila Formosa), clube fundado em 1974 e com tradição de montar equipes com jogadores do bairro. Mas a Copa Kaiser exigia investimentos. Relatos sobre a qualidade da equipe do Noroeste eram comuns nos campos do torneio a cada domingo. “O Botafogo não tem chances. O elenco do Noroeste está recheado de estrelas”, gritou um torcedor vermelho e branco de dentro do espaço do bar, antes da partida iniciar.

Durante o segundo tempo conversei com uma simpática turma de torcedores do Noroeste que confirmou o que o certame já revelava. A equipe da Vila Formosa contava com jogadores que atuaram em clubes profissionais brasileiros e em diversos outros países. Rapidamente, após a partida, alguns deles contaram detalhes de suas trajetórias. Um dos atacantes, muito alto, habilidoso e veloz, Leandro, chamado de Kanu pela torcida, atuou em diversas equipes em São Paulo, como Juventus e Palmeiras B, e no CRB de Alagoas, antes de um empresário o levar para jogar na Turquia e, depois, na Ucrânia. Com apenas 24 anos, Leandro já acumulava uma experiência internacional, ainda que tenham sido passagens muito rápidas. Sem contrato assinado com clubes profissionais naquele momento, Kanu recebeu a proposta para jogar no Noroeste e, como foi criado na região da Vila Formosa, aceitou atuar na Copa Kaiser.

²⁶ Além de treinador responsável pela escalação e pela orientação do time à beira do campo, Adílson desempenhava outro papel fundamental no árduo processo de trabalho, assim descrito por ele mesmo: “busca jogadores, fala com eles, monta o time junto com a diretoria, corre atrás de apoio, faz a papelada da Kaiser, dá orientação, organiza o time, e só não treina porque todo mundo trabalha e não tem tempo”.

Outro jogador, o meia Fábio, também jogou em vários clubes brasileiros e internacionais, incluindo Qatar e Vietnã. Porém, chamava atenção o fato de ele afirmar que ainda tinha contrato com um clube de Honduras e que retornaria ao país em pouco tempo ou que seu contrato seria negociado e teria que ir para outro clube. O volante Maurício também tinha experiência internacional, tendo atuado em equipes em Portugal e na Turquia, embora tivesse encerrado a carreira aos 29 anos, logo após voltar ao Brasil.

A experiência e qualidade da equipe do Noroeste, formada por jogadores rodados, faziam diferença nos campos varzeanos da Copa Kaiser. O Noroeste dominou a partida. Mas, assim como nas etapas anteriores, com muito esforço e um pouco de sorte, o Botafogo conseguiu empatar. Com dois empates, novamente o Botafogo se viu obrigado a vencer a última partida, um clássico da região, contra o famoso Verona da Cidade Tiradentes. Em um jogo nervoso, marcado por confusão e briga de torcedores e jogadores, o Botafogo venceu por 2x0 e classificou-se para a próxima fase.

O grupo da etapa 5, disputada em agosto, reuniu Botafogo, Tiradentes (Vila Curuçá), Jardim Elba (do bairro homônimo) e o tradicional E.C. Ajax (Vila Rica). Quando o grupo foi divulgado, os diretores do Botafogo lamentaram ter que enfrentar o Ajax, considerado pelos rivais como o grande clube de várzea da zona leste, não só por causa da sua enorme torcida, mas também por ter, naquele momento, um sistema de sócio-torcedor e vendas de material esportivo em uma loja itinerante montada nas partidas.

O investimento do Ajax em reforços em 2012 repercutiu em vários bairros da Zona Leste. Em Guaianases, varzeanos comentavam sobre a contratação de jogadores africanos, o que só veio a ser confirmado quando a equipe estreou na Copa Kaiser. O Ajax trouxe o zagueiro Fred Odebe, jogador nigeriano que recebeu uma proposta para jogar no futebol brasileiro, mas que foi enganado e abandonado por um empresário em Caxias do Sul (RS), até chegar a São Paulo, começar a atuar no Ajax da Vila Rica e, por meio do clube, conseguir visto de permanência e um emprego. Contratou também Daniel Okete, que trabalhava como modelo na Nigéria, e tinha vindo para o Brasil para fazer testes em clubes nacionais após ter sido convidado por um empresário de jogadores. Porém, ele não foi aprovado nas avaliações, depois se lesionou e começou a trabalhar como vitrinista em lojas de comércio de roupas no bairro do Brás, quando voltou a jogar nos campos perto da sua casa na zona leste, chamando a atenção de diretores do Ajax.²⁷

²⁷ A participação de estrangeiros na Copa Kaiser ainda era incipiente, porém pude observar a presença de jogadores vinculados a levadas migratórias recentes, principalmente de africanos (de diferentes países) e bolivianos, nos campos de várzea pela cidade.

Contudo, apesar dos nomes internacionais, a principal contratação era do interior da Bahia: Uochiton Baraúna, artilheiro da Copa Kaiser 2010 com dezesseis gols, quando foi vice-campeão pelo Sedex. Visado por muitos clubes, Uochiton acertou com o Ajax, mas mantinha uma rotina puxada em 2012, quando chegava a jogar três ou quatro vezes a cada fim de semana: pelo 9 de Julho (Casa Verde, na Zona Norte), Eldorado (Diadema, na Zona Sul), Sacadura (Santo André, na Zona Sul) e Bate Fácil (Taboão da Serra, na Zona Oeste). Para dar conta de circular pelas quatro regiões da cidade e municípios próximos, Uochiton ia de carro aos jogos. Correria que permitia viver do que ganha com o futebol amador. Tal como Uochiton, vários jogadores da Copa Kaiser também percorriam a cidade para atuar em mais de uma equipe, e disputavam campeonatos no ABC, em Diadema e outras regiões, participando de vários jogos em um único fim de semana. Também chegavam a jogar outra partida no mesmo dia em que jogam na Copa Kaiser.

O Ajax (Vila Rica) ganhou ainda mais visibilidade midiática em 2012 por trazer para a várzea o ex-jogador profissional Gilmar Fubá, que já possuía vínculos familiares com o clube da Vila Rica. Além da qualidade de um jogador que atuou como profissional, o Ajax investiu também no carisma de Gilmar, conhecido pelos “causos” vividos em suas experiências futebolísticas. Gilmar estreou contra o Paulista (Itaim Paulista), atuando no Campo do Burgo, em Ermelino Matarazzo (Zona Leste), com campo lotado, mais de duas mil pessoas. Após quatro partidas, contudo, abandonou a equipe para atuar no Campeonato Brasileiro de Showbol.

No domingo da partida entre Botafogo e Ajax, o campo do CDM Flor da Mocidade do Burgo Paulista estava lotado. Três ônibus transportaram torcedores e moradores de Guaianases, mas a grande maioria era de torcedores do clube da Vila Rica. O jogo terminou empatado em 1x1. Pior para o Botafogo que perdeu o primeiro jogo e estava em uma situação complicada no grupo. Ajax e Botafogo empataram em número de pontos, porém o clube da Vila Rica teve um saldo de gols maior e se classificou para as oitavas de final.

Em uma competição feita aos “trancos e barrancos”, o resultado final teve uma avaliação positiva da diretoria, que pouco pôde investir naquele ano. “Chegar entre os vinte classificados não é fácil, não é para qualquer um: a Família Botafogo está de parabéns”, discursou Itamar, presidente do Botafogo, para outros membros da diretoria.

O Ajax, por seu lado, conquistou o título da Copa Kaiser 2012 diante de 20.260 pessoas²⁸ presentes em um estádio do Pacaembu que já não existe mais.

“Profissionalização” da várzea

Em 2012, já era possível observar uma significativa elevação do quadro de orçamentos das agremiações, tanto para a montagem dos times para a Copa Kaiser quanto no que se refere a outros aspectos de organização, o que acabava mobilizando discussões e controvérsias sobre o que muitos varzeanos anunciavam como a “profissionalização da várzea”.

A venda de produtos, por exemplo, se tornou uma fonte de recursos fundamental para muitos clubes varzeanos e para empresas de confecção de material esportivo. Em um mercado competitivo, com várias empresas de expressão local, duas se destacavam no comércio de materiais esportivos no futebol de várzea. A SportAção e a CM Esporte, ambas criadas em 1987, eram as mais procuradas pelas agremiações varzeanas e produziam as peças da maioria dos clubes da Copa Kaiser. Além dos uniformes de jogo, as empresas forneciam bolsas, agasalhos e meiões para os jogadores; e camisas, bermudas, chinelos, canecas, entre outros produtos, para torcedores do clube.²⁹

Alguns clubes possuíam lojas oficiais nas sedes dos clubes enquanto outros faziam parcerias com comércios do bairro. As camisas do Botafogo, por exemplo, eram vendidas na ENE Calçados, próxima à sede social. No bairro Cidade Tiradentes, os uniformes, camisetas regatas, baby looks e bermudas do A.E. Sedex (do próprio bairro) eram vendidos na loja The Store Surf & Griff. Alguns clubes e empresas de fardamentos passaram a ter, naquele período de realização da pesquisa, estandes itinerantes

²⁸ O número expressivo de torcedores na final ganha maior projeção frente às oscilações de público no futebol profissional. Na semana anterior, no mesmo Estádio do Pacaembu, o jogo Corinthians x Coritiba (10/11/2012) contou com a presença de 22.006 torcedores pagantes. Um público um pouco maior ao da final da Copa Kaiser. Comparação desmedida quando envolve o clássico Corinthians x Santos (24/11/2012), disputado no Estádio do Pacaembu na semana seguinte para um público de 36.482 pessoas. O Palmeiras, que naquele momento lutava contra o descenso para a Série B, enfrentou o Atlético-GO (25/11/2012) em um Pacaembu esvaziado, com 4.244 pagantes.

²⁹ Ao contrário de muitos clubes que investiam em produtos mais elaborados, ricos em detalhes, cores chamativas e desenhos de mascotes, o Botafogo mantinha a tradicional camisa listrada preto e branca, ou o segundo traje todo branco. As camisas eram de polyester, e não de poliamida, material utilizado no fardamento de clubes profissionais. Apesar de ser um tecido mais grosso e desconfortável para os jogadores, era utilizado principalmente por causa da sua durabilidade, evitando que o clube tivesse gastos elevados com constantes trocas de fardamento. Outras linhas do clube, lançadas nos períodos de comemoração ao aniversário da agremiação, eram encomendadas separadas dos uniformes de jogo e vendidas como “camisas da diretoria” ou “camisas da torcida”. Novos uniformes eram encomendados pela diretoria conforme a demanda de competições e de vendas.

montados nos campos onde os clubes jogariam. Ajax da Vila Rica (Zona Leste) e Pionner da Vila Guacuri (Zona Sul) foram os primeiros clubes a adotar a venda de material esportivo em lojas itinerantes oficiais.

Em 2013, os fardamentos do Botafogo passaram a ser feitos pela Uniex, empresa sediada no Brás, que se especializou na personalização dos produtos para os clubes. Para entrar em um mercado cada vez mais competitivo, a Uniex investiu em novos modelos, com estampas e design inovadores para o tradicional cenário varzeano, e assim estabeleceu parcerias com alguns dos principais clubes da Copa Kaiser, como o Ajax da Vila Rica, Pioneer F.C., Classe A, Napoli F.C. e Tiradentes da Vila Curuçá. Para 2014, contrariando o costume de produzir duas ou três peças para a temporada, a empresa lançou, por exemplo, sete uniformes de jogo diferentes para o Pioneer.

As mudanças na produção e comercialização de fardamentos mobilizava, por vezes, debates sobre o “fim” do futebol varzeano considerado tradicional. No entanto, a discussão sobre a “profissionalização da várzea” era mais acalorada sobretudo quando se colocava em pauta os crescentes gastos com pagamento a jogadores e a presença cada mais significativa de ex-jogadores profissionais e de atletas ainda em atividade.

Como já indicado no tópico anterior, a partir dos exemplos do Noroeste e do Ajax, vários clubes que disputavam a Copa Kaiser tinham jogadores com passagem pelo futebol profissional e que se definiam como “profissionais”. Para não ficarem parados nos períodos de recesso do calendário profissional, participavam de campeonatos varzeanos, principalmente a Copa Kaiser. Assim, a competição passou a ser utilizada como vitrine para os jogadores em busca de contratos com clubes profissionais, bem como para chamar a atenção de outras equipes varzeanas e receber melhores ofertas dentro do próprio mercado varzeano. Dênis, jogador do Napoli, da Vila Industrial, que parou de atuar no futebol profissional e passou a se dedicar ao futebol varzeano, não se arrependia: “Antes era tudo muito incerto, estava difícil arrumar clube para jogar. Hoje na várzea meu passe é disputado, sou procurado por várias equipes todo ano”.

Vários jogadores viviam uma longa reconversão, alternando clubes amadores e profissionais durante alguns anos, até encerrarem definitivamente a carreira. Além dos jogadores que ainda estavam atuando profissionalmente, a várzea abrigava ex-jogadores profissionais, dispostos ainda a obterem algum tipo de renda com o futebol. Tratava-se, porém, de um mercado formado, em sua maioria, por jogadores que tiveram poucas

oportunidades no futebol profissional e que, por diferentes razões, retornaram para o cenário varzeano ou para outras profissões não relacionadas ao futebol.³⁰

Em 2012, sem poder aquisitivo para contratar os principais jogadores da Copa Kaiser, que tinham uma maior visibilidade e eram muito assediados – e por isso exigiam valores maiores para as “assinaturas” –, o Grêmio Botafogo procurava novos jogadores nos clubes que não disputavam a competição da cervejaria para manter o orçamento baixo. A busca era feita em campos de várzea de Guaianases, de outros bairros da zona leste e até em cidades próximas. “Para montar um time bom, tem que rodar a cidade, cada bairro, cada vila, nas piores quebradas”, afirmou Adílson, treinador do Botafogo.

Os principais gastos ocorriam entre uma temporada e outra, quando os jogadores recebiam propostas para trocar de times. No momento da “assinatura”, quando troca de time, o jogador recebia um bônus – as famosas “luvas” do profissional – por aceitar trocar e atuar no novo clube. Não existiam vínculos legais entre os envolvidos: as transações eram informais e os negócios eram fechados no aperto de mão. Além do pagamento na assinatura e do valor por jogo (ou por mês), em alguns casos, havia uma bonificação extra de acordo com a performance do jogador. O pagamento era distribuído em envelopes, antes ou depois da partida, e os jogadores não podiam abri-los dentro dos vestiários. “Quando tem dinheiro no meio é um problema. Um recebe mais, outro recebe menos, tem outro que nem recebe”, comentou o treinador Adílson.

Os gastos de cada equipe variavam e incluíam ainda despesas com aluguel de ônibus para jogadores e torcedores, confecção e lavagem de fardamento, manutenção de equipamento esportivo etc. Ao comentar sobre o investimento dos outros clubes, o treinador Adílson relatou que algumas equipes realizavam treinamentos durante a semana, principalmente no período da noite. Enquanto equipes mais modestas gastavam de R\$ 2 mil a R\$ 3 mil por partida, outras equipes desembolsavam mais de R\$ 7 mil e contavam com preparadores físicos, fisiologistas, massagistas no elenco. Nas conversas de bar pelos campos da competição, varzeanos relatavam que alguns clubes chegavam a gastar R\$ 100 mil por temporada na Copa Kaiser. Ao longo da competição surgiam

³⁰ Entre as justificativas para desistirem da carreira, jogadores mencionavam as dificuldades financeiras no início; a falta de apoio e oportunidades quando ainda estavam nas categorias de base dos clubes; a ausência de um empresário que facilitasse os contatos e negociações; a necessidade de trabalhar para ajudar ou sustentar a família; a opção por focar na religião, quando houve impasses entre a prática religiosa e a futebolística; problemas físicos decorrentes de contusões e lesões; por fim, uma série de eventos e decepções no universo profissional, principalmente no que diz respeito aos longos períodos sem receber os pagamentos e salários acordados. Em relação a este ponto, era comum ouvir relatos de que a vantagem do futebol de várzea era a certeza do pagamento, feito sempre antes das partidas.

notícias de negociações envolvendo compra de carros, televisores, celulares e pagamento de parcelas das casas próprias.

Rodar varzeano

Era possível observar no futebol de várzea, já naquele momento, uma espécie de rodar (RIAL, 2008). Carmen Rial abordou as trajetórias e processos migratórios dos jogadores brasileiros no sistema futebolístico. Rial configura esse movimento migratório como uma “circulação” mundial de jogadores brasileiros, o rodar, que coloca em articulação aspectos econômicos, culturais e políticos da migração de jogadores, bem como permite problematizar diversas questões: fronteiras territoriais, trânsito, categorias étnicas, identidades regionais e nacionais, estilos de vida, consumo etc.

Na várzea, o rodar envolvia jogadores com contratos de curta duração em clubes de divisões inferiores dos campeonatos regionais, bem como passagens por pequenos clubes de países com tradição no futebol e por clubes que disputavam campeonatos de países de pouca expressão internacional no futebol profissional. Na Copa Kaiser de 2012, por exemplo, tive contato com jogadores que estiveram em clubes do Paraguai, Peru, Bolívia, México, Azerbaijão, Bangladesh, Honduras, Catar, Japão, Turquia, Alemanha, Itália, Portugal, Espanha, Áustria, Suíça, Rússia, Vietnã e Macedônia.

Na várzea paulistana, esse rodar tem seu principal período de movimentação entre o final de um ano e os primeiros meses do ano seguinte, visto que o atleta não podia atuar por dois clubes diferentes em uma mesma edição da Copa Kaiser. Apesar de a maioria dos clubes manter a base das equipes, de um ano para outro, as agremiações buscavam alguns reforços e investiam em jogadores que se destacaram por outras equipes. Após a final da Copa Kaiser de 2012, antes mesmo de o calendário da competição para 2013 ser divulgado, o mercado varzeano já estava a todo vapor.

Nos meses seguintes, ocorreu uma intensa circulação de jogadores que, embora já fosse rotineira, ainda gerava desconforto nos bairros e clubes. “Na nossa época, a gente jogava pela camisa, pela vila do bairro. Não tinha essa de tirar o sustento só jogando na várzea. Fosse assim, estava rico hoje”, afirmou João Carlos, veterano do Botafogo, quando soube da saída do volante Guila do Botafogo no início de 2013, o que provocou debates acalorados na diretoria do clube. Para muitos, ele era o símbolo da equipe do Botafogo naquele período: jogador criado no bairro e identificado com o clube. A proposta, porém, vantajosa financeiramente, convenceu-o a trocar de camisa.

Para muitos varzeanos, os clubes varzeanos estavam, gradativamente, se afastando de valores e princípios da várzea tradicional. Havia, segundo o narrador esportivo Ronaldo, uma crescente aproximação ao universo do futebol profissional. “Quem chega hoje para ver o futebol da várzea, só vai encontrar do futebol da várzea mesmo muito pouco: o campo de terra, o cara que joga no time da sua vila. Infelizmente, e até felizmente, o futebol da várzea evoluiu, está evoluindo, e não volta mais” (Ludopédio, 2013). Outros varzeanos, porém, não entendiam que o universo varzeano estivesse passando por transformações. “A Kaiser é uma coisa e a várzea é outra. A várzea é muito maior que a Copa Kaiser”, definiu Daniel, diretor do Botafogo.

Considerações finais

O futebol de várzea é uma modalidade em contínua transformação, como revelam as dinâmicas e controvérsias que envolviam a realização da Copa Kaiser de Futebol Amador. A várzea se conserva heterogênea, tanto ligada aos princípios tradicionais de um *ethos* amador (Elias; Dunning, 1985), quanto constituída de dinâmicas esportivas próximas às do futebol profissional. Como visto, as conexões e trajetos do rodar não se restringem ao futebol varzeano, já que jogadores, bem como torcedores, circulam também pelo universo do futebol profissional.

O discurso sobre a “profissionalização da várzea” carrega uma visão nostálgica que postula um fim do futebol de várzea. Observa-se, assim, uma várzea repartida entre antigos e novos valores, práticas e saberes. Quase sempre atrelado à sua constituição pretérita, o futebol de várzea é atualizado nos tempos e espaços da vida cotidiana. A várzea paulistana continua ativa e absorvente, mas com contornos diferentes de como eram em outros espaços e tempos. Esse encontro descompassado entre passado e presente é o que confere sentido ao futebol popular de uma paisagem urbana em constante atualização, tal como foi observado no processo de trabalho fabril:

A aparição do demônio onde supostamente não houve qualquer mudança no processo de trabalho, a seção de escolha, foi expressão dos temores gerados pelo conservadorismo desses setores colocados à margem das inovações e/ou das decisões que levaram a elas. Foi a forma que o imaginário das operárias deu às inovações para compreendê-las no conflito que encerravam (Martins, 2008, p. 167).

Tal como o aparecimento do demônio, que dava sentido às mudanças nas relações de trabalho frente as inovações tecnológicas em um setor fabril marcado pelo

conservadorismo (Martins, 2008), o “fim” do futebol de várzea é a forma que o imaginário varzeano significa as transformações para compreendê-las. O fenecimento do futebol de várzea – forma criada pelos varzeanos para enfrentarem as transformações no tempo e espaço – estiliza as relações sociais, acidenta os ritmos temporais cotidianos e reconfigura o imaginário social (Rocha; Eckert, 2013).

Esse alardeado “fim” passa pelas rupturas e crises, conforme observa Lopo (2008), mas também pela permanência de uma prática na qual muitos varzeanos não mais se reconhecem. As mudanças no futebol popular paulistano e na própria cidade que o abriga, muitas vezes entendidas na chave da “profissionalização” ou de um “fim da várzea”, exigem que experiências, saberes e formas de organização sejam reconfigurados; ou seja, demandam outros modos de pensar e viver a várzea. Assim, a várzea se atualiza tanto com os desdobramentos de sua continuidade quanto por suas disrupções, sendo por eles continuamente produzida e significada de forma reflexiva.

Portanto, as percepções e controvérsias sobre a “profissionalização da várzea” estão relacionados aos modos de viver e entender um contínuo processo de atualização da prática varzeana que, com muitos tensionamentos, articula continuidades, disrupções e formas criativas de resistência.

Referências

ANTUNES, F. M. R. F. *Futebol de fábrica em São Paulo*. 1992. 190 f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-graduação em Sociologia, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1992.

BETTI, M. *Violência em campo: dinheiro, mídia e transgressão às regras no futebol espetáculo*. Ijuí: Ed. Unijuí, 1997.

BOURDIEU, P. Como é possível ser esportivo?. In: _____. *Questões de sociologia*. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983, pp. 136-163.

CHIQUELTO, R. V. *A cidade do futebol: etnografia sobre a prática futebolística na metrópole manauara*. 2014. 209 f. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014.

DAMO, A. S. O uso dos termos amadorismo e profissionalismo como categorias sociológicas na literatura acadêmica sobre o esporte. XXVI Encontro Anual da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais, 2002, Caxambu. *Anais [...]* Caxambu: ANPOCS, 2002.

DAMO, A. S. *Do dom à profissão: a formação de futebolistas no Brasil e na França*. São Paulo: Hucitec/Anpocs, 2007.

DAMO, A. S. Futebóis – da horizontalidade epistemológica à diversidade política. *FuLiA/UFMG*. Belo Horizonte, v. 3, n. 3, p. 37-66, 2018.

ELIAS, N.; DUNNING, E. *A busca da excitação*. Lisboa: Difel, 1985.

FONTES, P. Futebol de várzea and the working class – amateur football clubs in São Paulo, 1940s – 1960s. In: FONTES, Paulo; HOLLANDA, Bernardo Buarque de (Org.). *The Country of Football: Politics, Popular Culture, and the Beautiful Game in Brazil*. Londres: Hurst Publishers, 2014, p. 87-101.

FRANZINI, F. *Corações na ponta da chuteira*: capítulos iniciais da história do futebol brasileiro (1919-1938). São Paulo: DP&A Editora, 2003.

HELAL, R. *Passes e Impasses*: futebol e cultura de massa no Brasil. Campinas: Vozes, 1997.

LOPO, R. M. *É o fim da várzea? Ensaio etnográfico sobre formas de sociabilidade, narrativa e conflito em um time de futebol de várzea na cidade de Porto Alegre*. 2008. 71 f. Monografia (Conclusão de Curso) – Bacharelado em Ciências Sociais, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.

LUDOPÉDIO. *Entrevista com Ronaldo Lima*. 2013. Disponível em: <http://www.ludopedio.com.br/rc/index.php/entrevistas/artigo/1314>. Acesso em: 15/5/2024.

MAGNANI, J. G. C.; MORGADO, Naira. Futebol de várzea também é patrimônio. *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*, n. 24, p. 175-184, 1996.

MARTINS, J. de S. *A aparição do demônio na fábrica*: origens do eu dividido no subúrbio operário. São Paulo: Editora 34, 2008.

MYSKIW, M. *Nas controvérsias da várzea: trajetórias e retratos etnográficos em um circuito de futebol da cidade de Porto Alegre*. 2012. 415 f. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012.

NEGREIROS, P. L. *Resistência e Rendição: a gênese do Sport Club Corinthians Paulista e o futebol oficial em São Paulo - 1910-1916*. 1992. 122 f. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de História, Universidade Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1992.

PEREIRA, L. A. de M. *Footballmania*: Uma História Social do Futebol no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

RIAL, C. S. Jogadores brasileiros na Espanha: emigrantes, porém.... *Antropologia em Primeira Mão*. n. 87, p. 1-42, 2006.

RIAL, C. S. Rodar: a circulação dos jogadores de futebol brasileiros no exterior. *Horizontes Antropológicos*, v. 14, n. 30, p. 21-65, 2008.

RIBEIRO, R. R. Futebol amador: história, memória e patrimonialização. *Simpósio Nacional de História*, p. 1-17, 2017.

RIBEIRO, R. R. *A várzea e a metrópole: Futebol amador, transformação urbana e política local em Belo Horizonte (1947-1989)*. 2021. 492 f. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em História, Política e Bens Culturais, Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, 2021.

RIGO, L. C. *Memórias de um futebol de fronteira*. 2001. 307 f. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2001.

ROCHA, A. L. C. da; ECKERT, C. *Antropologia da e na cidade: interpretações sobre as formas da vida urbana*. Porto Alegre: Marca Visual, 2013.

SILVA, D. M. M. da. *Futebol de Várzea em São Paulo: A Associação Atlética Anhanguera (1928-1940)*. São Paulo: Alameda, 2017.

NOTAS DA OBRA

AUTORIA

Enrico Spaggiari
Doutor em Antropologia Social
Universidade de São Paulo/Departamento de Antropologia
enricospaggiari@gmail.com
 <https://orcid.org/0000-0002-7078-3827>

CONTRIBUIÇÃO DE AUTORIA

Concepção e elaboração do manuscrito: E. Spaggiari

Coleta de dados: E. Spaggiari

Análise de dados: E. Spaggiari

Discussão dos resultados: E. Spaggiari

Revisão e aprovação: E. Spaggiari

CONJUNTO DE DADOS DE PESQUISA

FINANCIAMENTO

Bolsa de Doutorado Fapesp – Processo: 09/17748-2

APROVAÇÃO DE COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA

Não se aplica

CONFLITO DE INTERESSES

Não se aplica

LICENÇA DE USO – uso exclusivo da revista

Os autores cedem à **INTERthesis** os direitos exclusivos de primeira publicação, com o trabalho simultaneamente licenciado sob a licença *Creative Commons Attribution* (CC BY) 4.0 International.

Esta licença permite que **terceiros** remixem, adaptem e criem a partir do trabalho publicado, atribuindo o devido crédito de autoria e publicação inicial neste periódico.

Os autores têm autorização para assumir contratos adicionais separadamente, para distribuição não exclusiva da versão do trabalho publicada neste periódico (ex.: publicar em

repositório institucional, em site pessoal, publicar uma tradução, ou como capítulo de livro), com reconhecimento de autoria e publicação inicial neste periódico.

PUBLISHER

Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas. Publicação no Portal de Periódicos UFSC. As ideias expressadas neste artigo são de responsabilidade de seus autores, não representando, necessariamente, a opinião dos editores ou da universidade.

EDITORES

Daniel Serravalle de Sá

Ana Cláudia Mota Estevam

HISTÓRICO

Recebido em: 26-07-2024 – Aprovado em: 15-12-2024 – Publicado em: 20-12-2024